

## Uma escritura que não se ofende com o sujo, o escatológico

Renato Rezende investe em sua quarta obra, *Ímpar*, um livro de transição, na organização de uma poética dos dejetos

Fabrizio Carpinejar  
(*Suplemento de Cultura*, OESP, 13/05/2007)

Renato Rezende radicalizou sua poética em seu quarto livro. O escritor carioca tenta reavivar a filosofia na poesia com *Ímpar* (Lamparina, 92 págs., R\$ 29), prêmio da Fundação Biblioteca Nacional em 2006.

Ao largo da filosofia ocidental, de conceito e forma, filia-se à tradição oriental de iluminação, perplexidade e desapego, mediante anotações de um cotidiano irrisório.

O predominante na obra é uma contemplação descompromissada. Observar a menina na parada de ônibus, imaginar o que falar com ela, ter o desejo de beijar o seu calcanhar duro e não trocar ao final nenhuma impressão. Morrer com a imagem.

Em seu livro anterior, *Passeio* (2001), o autor ainda estava preso a si, o que não apaga momentos de vívido desencanto: “Sei apenas/ que não ressuscito, e já é tarde/ para morrer jovem e bonito.”

Não havia renúncia, talvez serenidade, talvez a sensação de que a chuva é sempre a continuação da anterior. O poema discutia a própria identidade e habitava ostensivamente um nome – “Que Renato seja uma máscara/ vazia – mas este espaço/ não seja ausência – mas luminosidade” – e um lugar – o Rio de Janeiro. Ele fingia não ver o pior, por isso não reagia.

Agora, em *Ímpar*, não há jogo de cena, não há par possível, nem localização determinada. A expectativa é de que, cansado de ser ele, seria um

outro rimbaldiano. Só que ele constata que sendo um outro continua sendo o mesmo. “A parte que resiste sou eu.” Então não foge, suporta-se. Descansa o olhar correndo o risco de perder o amor. A escatologia (sêmen, urina, latrina) funciona para despressurizar a emoção.

Em três poemas, narra diferentes quadros envolvendo a defecação. Não tem o propósito de agredir, porém de retratar a mais completa e desinibida naturalidade. Inicia com a desmistificação da cegueira sobre a namorada: “O corpo da amada/ não parece ser carne/ como os outros; e mesmo o que ela come e caga/ está impregnado/ por uma aura sagrada/ como se fosse tudo olhos/ amorosos, e alma.” Segue com a observação de uma mendiga defecando em via pública e sua indiscrição incontável de enxergar detalhes. “Eu que costumava me indignar com os dejetos de cães nas ruas, não me ofendi, e não me senti diante de um ato estranho ou transgressor. Rolou até uma certa e indiscutível sensualidade.”

A superação de suas fobias sociais aparece também ao enfrentar uma descarga travada no banheiro de bar. Temeroso da reação da menina que entra, recebe um inesperado olhar convidativo.

A literatura reedita o confronto entre o narrador e o nojo (*A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector). Dessa vez, o poema é parte do nojo. Não rivaliza com um elemento externo, onde projeta suas censuras e vacilações. O nojo é um sujeito, não ofende. Rezende comete a impostura de não usar a poesia como forma de redenção. Não beatifica o que toca, ou toca o que é beatífico. Não sublima o fim para reduzi-lo. Não torna o feio belo, nem o belo mais belo ainda. Interessa-se pelo feito transitório. Em sua concepção, o que é fugaz pode ser completo.

Sua máquina fotográfica cai numa privada “inacreditavelmente suja” e ele terá que escolher entre a luz e o escuro. Não titubeia em ceder a mão ao

grotesco. Na obra, nota-se um plano para o desaparecimento perfeito. Ao invés da morte, em que prevalece a figura da vítima, escolhe o abandono da representação. “Eu desisto do coração, do umbigo/ que me ligou à minha mãe, eu desisto da minha mãe// e de todas as palavras que usei/ quando compreendi que era alguém, desisto de ser alguém.”

Impregnado de uma solidão impessoal, a escritura procura o que está solto, o que não é palavra coesa. Está perto de uma mudez total, que não quer ser parcial e defensiva como a memória. Um vazio agressivo que não pretende ser alguma coisa mais do que sua desordem. “Nem homem, nem mulher, nem anjo/ nem cachorro, nem demônio/ nada.”

A dicção é de um viajante que retorna e não conta que foi. Descarta o recurso do depoimento para provar que esteve lá (Alhures). Cala-se porque nunca inteiramente volta.

A essencial virtude de sua linguagem é não tornar prosaico o poético, nem poetizar o prosaico. Deixa as coisas brilharem por sua conta e juízo. Há uma combustão, como aponta um dos subtítulos, das imperfeições. O poema são os dejetos. Não o fogo, alto e volumoso, mas as cinzas, baixas e dispersas.

*Ímpar* não é um livro brilhante, é um livro de transição. Menos achados líricos, mais apreensão bruta do som. Renato Rezende não tenciona atravessar a ponte. Descobriu o caminho do meio (e faz o meio crescer no caminho).